



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

CAMILA MARTINS ANGELIM

LIPE: VIDA EM MOVIMENTO
UM DOCUMENTÁRIO EM CURTA METRAGEM

Brasília
2019

CAMILA MARTINS ANGELIM

LIPE: VIDA EM MOVIMENTO
UM DOCUMENTÁRIO EM CURTA METRAGEM

Memorial do curta documentário, Lipe: vida em movimento.
Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Fonteles

Brasília
2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Gomes da Silva Fonteles
Orientador

Prof. Dr.^a Rose May Carneiro (membro)
Examinadora

Prof. Dr. Felipe Polydoro(membro)
Examinador

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro (suplente)
Examinador

DEDICATÓRIA

Ao Felipe, meu irmão com quem aprendo todos os dias e pra quem torço que conquiste, por si só, seu lugar no mundo.

À todas as pessoas com deficiência que enfrentam, todos os dias, as dificuldades de se viver em uma sociedade que não as enxerga.

AGRADECIMENTOS

Ao Lipe, meu caçula mais encantador, que amo, me orgulho e agradeço todos os dias por ter aceito partilhar a sua vida para um propósito maior. Ao meu

pai pelo incentivo, amor, apoio, confiança e conselhos nos quais despertaram o meu sonho de entrar na Unb. À minha mãe pelo seu amor incondicional em todos os momentos da minha vida, sem ela nada seria possível. À Tia Mi que tem minha admiração, carinho, amor e que desde sempre me ajudou na construção do documentário e também nos caminhos da minha vida. À Vitória, minha irmã, a mais dedicada e atenciosa amiga que posso ter. Construo com ela a admiração e amor que não vivo sem. A minha avó e professora Maria Luiza por dividir sua sabedoria, por me mostrar a importância de "ser" humano em qualquer aspecto da vida e pelo auxílio no desenvolvimento desse trabalho. A memória de minha avó Eliane, pelo nossos incríveis e inesquecíveis momentos que fizeram a mulher que sou hoje: forte e segura de si. Aos meus Tios Fabinho e Nanda, primos Paula e Dani por celebrarem, junto comigo, todas as conquistas e realizações. À Kikinha por me entregar seu amor de mãe, por me abençoar nas suas orações e pelo cuidado em cada etapa da minha vida. À Lara por compartilhar a vida, os sonhos e o amor mais recíproco, por ser o suporte que me faz correr atrás dos meus objetivos e por juntas termos construído a Life Sessions. Às minhas nove e preciosas amigas: Amanda, Clara, Clarissa, Isabela, Jade, Joana, Júlia e Luiza por serem meu porto seguro, minhas confidentes e por nunca abrirem mão de nós. Aos meus amigos para vida toda, que conheci durante a jornada acadêmica: Ana, Kallyo, Luan, Marisa e Natália por caminharmos sempre juntos em busca do nosso crescimento profissional. À Júlia de Lannoy pela amizade, por ter sido meu apoio e minha referência para a escrita deste memorial. Ao Reverso esportes por me presentear mais um lugar para chamar de casa. À Universidade de Brasília por proporcionar as melhores experiências da minha vida, à Faculdade de Comunicação por me fazer enxergar a diversidade como força. Ao movimento empresa júnior e a Facto Agência por me possibilitar vivências que hoje fazem toda diferença na minha carreira profissional.

"a diversidade é nossa força.humana. criativa. potente. amorosa. cabe a cada um de nós reconhecer isso, o mais rápido possível." Lau Patrón

RESUMO

"Lipe: vida em movimento" é um documentário que revela a vida do Felipe, meu irmão, que nasceu com uma malformação congênita da coluna vertebral, o que o levou a comprometimentos motores e fisiológicos da cintura para baixo. Deficiente físico desde o nascimento, ele nunca deixou que nada o impedisse de viver e experimentar-se como criança, diante de oportunidades e possibilidades. O documentário foca nas potencialidades do Felipe de maneira simples e

intimista, salientando que sua vida não se resume, simplesmente, a sua cadeira de rodas.

Palavras-chave: documentário, infância, comunicação, inclusão, pessoa com deficiência

ABSTRACT

"Lipe: a life on the go " is a documentary that reveals the life of Felipe, my brother, who was born with a congenital malformation of the spine cord, which led him to motor and physiological compromises below the waist. Physically disabled from birth, he never let anything stop him from living and experiencing himself as a child in the face of opportunities and possibilities. The documentary focuses on Felipe's potential in a simple and intimate way, highlighting that his life isn't just about a wheelchair

Keywords: documentary, childhood, communication, inclusion, people with disability

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	10
2.	A PERGUNTA DO DOCUMENTÁRIO.....	12
3.	OBJETIVOS.....	13
3.1.	GERAL	13
3.2.	ESPECÍFICOS.....	13
4.	JUSTIFICATIVA.....	14
5.	HUMANIZAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	16
6.	O DOCUMENTÁRIO.....	19
7.	METODOLOGIA.....	23
7.1	PRÉ-PRODUÇÃO	23
7.2	PRODUÇÃO.....	28
7.3	PÓS-PRODUÇÃO.....	31
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
9.	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE - Roteiro entrevista - Pais.....	38



1. APRESENTAÇÃO

Hoje, no Brasil, 24% da população possui algum tipo de deficiência, ou seja, mais de 46 milhões de pessoas vivem essa realidade, a qual traz consigo os fantasmas da discriminação, exclusão e invisibilidade. Isso deve-se, em parte, ao fato de que nos primórdios da vida humana, os deficientes eram marginalizados, privados de liberdade e vistos como retrocessos sociais.¹ Assim, essas pessoas, desrespeitadas e excluídas, quando não exterminadas, passaram a ser alvo de extremo preconceito e rejeição.

Nos últimos anos, algumas ações foram criadas e leis institucionalizadas para permitir o direito e proteger a dignidade das pessoas com deficiência. Um exemplo claro é a aprovação da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência², durante a Assembléia Geral das Nações Unidas em 2006 e promulgada pelo Brasil em 2008, tendo como objetivo proteger e assegurar o total e igual acesso a todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, além de promover o respeito à sua dignidade. Ainda, define deficiência como um conceito em evolução que resulta da interação entre pessoas com deficiências e as barreiras devido às atitudes e aos ambientes que a impedem a plena e efetiva participação na sociedade em igual oportunidade com as demais pessoas.

Apesar da Convenção ter proporcionado um grande avanço para a compreensão atual sobre a deficiência, ainda existe um longo caminho para a verdadeira inclusão das pessoas com deficiência. A situação real é que todos esses instrumentos legais parecem ser insuficientes quando tratamos, no dia-a-dia, da relação interpessoal entre os deficientes, sua visibilidade e representatividade no na sociedade.

O olhar discriminatório persiste até hoje, levando-se em consideração que a natureza humana tem sido historicamente condicionada a atentar-se mais aos empecilhos do que às reais capacidades e potencialidades dessas pessoas. Além disso, o conteúdo veiculado na mídia, no meio audiovisual e nas

¹ Dados de acordo com a UNESCO

² A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada em Nova York, em 13 de dezembro de 2006, aprovada pelo Congresso Nacional através do Decreto Legislativo n° 186, de 9 de julho de 2008, e promulgada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em 25 de agosto de 2009, através do Decreto n° 6.949, de 25 de agosto de 2009, passou a ter o status de Emenda Constitucional por força do no §3º art. 5º da Carta de 1988.

plataformas digitais sobre pessoas com deficiência é escasso e vazio, não trazendo a real representatividade que merecem.

Dessa forma, este memorial tem como objetivo apresentar o processo criativo de todas as etapas da produção do documentário sobre meu irmão Felipe, de 10 anos, que nasceu com a mielomeningocele: malformação congênita da coluna vertebral, o que o levou a um comprometimento motor e fisiológico da cintura para baixo. Motivada por ser irmã de uma criança deficiente física e por compreender que os meios de comunicação auxiliam na construção do imaginário social, em particular a linguagem audiovisual, decidi produzir o documentário na expectativa de possibilitar novas visões e percepções do que é ser uma pessoa com deficiência.

"Lipe: vida em movimento" busca orientar novos olhares e perspectivas sobre um deficiente físico, focando nas suas capacidades e potencialidades. Enfatiza o fato dele ser apenas uma criança, mostrando de que forma ela se posiciona e se relaciona no mundo. Além disso, apresenta o cotidiano da vida de alguém que não precisa se superar o tempo todo, mas sim, ser respeitado a todo momento, permanentemente. Revela, sem silenciar ou ocultar sua deficiência física, como a própria família aprende a desconstrução do olhar de "incapacidade" sobre o filho, inserindo-o em um contexto cotidiano de inclusão que é determinante para trazer à tona a representatividade das pessoas com deficiência. Por fim, nos faz refletir sobre nossos olhares e nós mesmos.

2. A PERGUNTA DO DOCUMENTÁRIO

Realizar um documentário seria o melhor caminho para estabelecer a verdadeira representação sobre o que é ser uma pessoa com deficiência. A convivência com o Felipe me proporcionou experiências únicas que jamais podem ser vivenciadas por outras, senão as que convivem com ela. Poder difundir essas experiências a partir do olhar da família e do próprio Felipe é com certeza abrir caminhos para possíveis mudanças no cenário da visibilidade e representatividade dessas pessoas.

É contribuir para que famílias, assim como a nossa, minha e do Lipe, não tenham medo de propiciar aos seus filhos, também deficientes, oportunidades de convivência, conexão e diversão, seja qual for a ocasião. Dessa maneira, é possível reformular o pensamento do senso comum sobre incapacidade apontando que a deficiência está no próprio pensar discriminatório.

Assim, motivada pela realização do documentário investigo: quais os olhares sobre uma criança com deficiência física e como ela se posiciona e se relaciona no mundo?

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Criar um documentário que narre de maneira intimista o cotidiano de uma criança deficiente física, retratando as suas vivências e sua rotina, trazendo o olhar para suas capacidades e potencialidades na busca da representatividade e verdade sobre o que é ser cadeirante como construção social.

3.2. Objetivos Específicos

1. Desvincular os conceitos e definições e palavras: incapacidade e deficiência física;
2. Valorizar a pessoa e não apenas a cadeira de rodas;
3. Pontuar que o cadeirante não é exemplo de superação e nem objeto de inspiração;
4. Realizar um documentário com equipe reduzida;
5. Refletir sobre as barreiras físicas e sociais que impedem a pessoa com deficiência vivenciar plenamente as oportunidades que a vida oferece.

4. JUSTIFICATIVA

Como dito anteriormente, ao longo de toda história da civilização, as pessoas com deficiência sempre foram marginalizadas, abandonadas e até exterminadas. Segundo Otto Marques da Silva (1987, p.21), "Anomalias físicas

ou intelectuais, deformações congênitas, amputações traumáticas, doenças graves e de consequências incapacitantes, sejam elas de natureza transitória ou permanente, são tão antigas quanto a própria Humanidade.”

As primeiras tribos, no período da Idade da Pedra, viviam como nômades e eram obrigadas a se transportar constantemente de um local para outro, tornando praticamente impossível a vida de uma pessoa com deficiência, consideradas um fardo e um perigo à comunidade. Assim, o abandono e a supressão dessas pessoas eram comuns e aceitáveis, uma vez que representavam risco a toda tribo.

Na Grécia e na Esparta antiga, predominava o culto ao corpo e a busca pela forma física perfeita. Assim, não eram aceitas imperfeições físicas ou qualquer aparência que não o de "normal", forte e belo, levando ao sacrifício de todos que desviavam desse padrão. A rejeição era, mais uma vez, permissível até pela própria família de crianças deficientes.

Outro contexto que vale ressaltar, foi na ascensão do cristianismo que trouxe consigo dogmas sociais, disseminando valores de caridade e piedade. Porém, de maneira ambígua as pessoas com deficiência chegaram a ser consideradas figuras do pecado ou um "castigo de Deus" e por isso condenadas à morte.

Assim, no decorrer da história, o tratamento sobre as pessoas com deficiência foi assumindo diferentes configurações até adquirirem o direito de serem o que elas realmente sempre foram, "pessoas". A construção social acerca do que é ser uma pessoa com deficiência proporcionou a visão de que a deficiência é algo ruim, algo a ser superado e muitas vezes silenciado.

Existe um medo embutido socialmente para falar sobre o assunto, para conversar com essas pessoas. Não se fala e muito menos não se dialoga. Quando existe a troca de experiências entre um “deficiente” e outro indivíduo não deficiente é no sentido motivacional. Para muitos, as pessoas com deficiência não são vistas como pessoas comuns, mas sim, como seres excepcionais que lutam para serem re-inclusos na sociedade e, quando conseguem destaque por uma conquista de cunho físico-motor, acabam servindo apenas como inspiração e motivação para as pessoas não-deficientes. Esse pensamento colabora para a objetificação das pessoas com deficiência que, na maioria das vezes, veem sua função social restrita a exemplo de superação. Assim, essa visão camufla a

realidade de que a deficiência é apenas um mero detalhe de uma pessoa tão comum, com sonhos, sentimentos, deveres e obrigações, quanto um indivíduo sem deficiência física. Da mesma forma, os meios de comunicação e até as próprias campanhas de inclusão social validam esses pensamentos que objetificam o deficiente em prol da motivação de um grupo de pessoas sem deficiência.

Outra questão que precisa ser retratada é a falta de representatividade dessas pessoas em diversos âmbitos sociais. A ausência de campanhas, filmes e documentários que deem voz e representem fielmente essas pessoas, reforça também o pensar de que a deficiência é uma doença, uma dificuldade, uma complicação, um defeito, uma questão, uma adversidade, um empecilho e muitas outras superficiais e falsas definições.

Não há uma comunicação efetiva que fale ou as destaquem na sociedade por seus feitos cognitivos, artísticos, estéticos, pelas suas ideias, por serem bem sucedidas em suas áreas de estudo, pela sua personalidade, ou até mesmo para mostrarem que são pessoas comuns, com gostos, propósitos, frustrações e realizações, acima de tudo.

Influenciando diretamente na formação de opiniões, nos hábitos, nos comportamentos a serem seguidos pela sociedade, a mídia contribui tanto para o processo de inclusão como o de exclusão dos indivíduos.

“A mídia, quando se reporta a um acontecimento, não é somente uma reprodutora de informações, mas, sobretudo, uma produtora de sentidos, já que a mídia não se caracteriza como lugar de passagem, mas de construção simbólica dos acontecimentos”. (CRESPO, apud FIGUEIREDO, 2006)

Sendo assim, somando-se a outras iniciativas assemelhadas o curta-documentário "Lipe: vida em movimento" vem para introduzir uma ressignificação a pessoa com deficiência, construindo um discurso determinante para mudar o cenário da comunicação diante desse tema. É a partir dessa comunicação que conseguiremos construir um outro olhar sobre essas pessoas, e, assim, desenvolver uma nova cultura sobre o que é deficiência.

5. HUMANIZAÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Partindo das questões expostas neste memorial, é importante salientar que somente em meados do século XX, o mundo percebeu a importância de valorizar a pessoa com deficiência física como "humana", dando início aos movimentos sociais de inclusão, que deram origem às leis nacionais e acordos internacionais.

No Brasil, após o golpe militar de 1964 e um período de 21 anos de resistência democrática, somente com a Constituição de 1988, inspirada pelos Direitos Universais do Homem de 1948, foi possível observar mudanças significativas sobre inclusão social. Nossa Constituição baseou-se no lema da igualdade “em dignidade e direitos” de todos os seres humanos. Mesmo diante da diferença entre todas as pessoas, sem exceção, somos iguais em dignidade.

A inclusão é um movimento social e político que defende o direito de todos participarem da sociedade de forma respeitada tendo suas diferenças aceitas. Segundo Souza (2014), está condicionada a princípios de independência, autonomia e empoderamento promovendo, diferente da integração, a adaptação da sociedade para verdadeiramente incluir.

Integração e inclusão diferenciam-se no sentido de que na primeira, a pessoa com deficiência deve se adequar ao padrões sociais vigentes, enquanto a segunda admite que a sociedade é quem adequa-se para enlaçar essas minorias. Dessa forma, de acordo com Mantoan (1997, p. 235):

[...] a integração traz consigo a ideia de que a pessoa com deficiência deve modificar-se segundo os padrões vigentes na sociedade, para que possa fazer parte dela de maneira produtiva e, conseqüentemente, ser aceita. Já a inclusão traz o conceito de que é preciso haver modificações na sociedade para que esta seja capaz de receber todos os segmentos que dela foram excluídos, entrando assim em um processo de constante dinamismo político social [...]

Dessa forma, a respeito das pessoas com deficiência, o foco deixa de ser a deficiência, as limitações, a inaptidão e transforma-se em potencialidade e capacidade, respeitando-as e abrindo caminhos para a diversidade humana.

Em relação aos conceitos de inclusão descritos anteriormente, Souza (2014) afirma que a autonomia e a independência permitem ao indivíduo com deficiência controle sobre o espaço ao seu redor e a liberdade de decidir sobre sua vida. Já o empoderamento confirma que o poder de escolha é um direito nato, não permitindo o controle de outros sobre suas vidas. Junto a isso,

encontramos a base do paradigma social da deficiência: transformar o meio em um ambiente de acolhida para todos, sem distinção ou segregação.

"Este movimento tem por objetivo a construção de uma sociedade realmente para todas as pessoas, sob a inspiração de novos princípios dentre os quais se destacam: celebração das diferenças, direito de pertencer, valorização da diversidade humana, solidariedade humanitária, igual importância das minorias e cidadania com igualdade de vida." (SASSAKI 1997, p.17)

Sassaki (1997), ao propor a importância de uma sociedade inclusiva possibilita o fortalecimento do caminho construído pelas pessoas com deficiência, desde a exclusão e repressão, até o reconhecimento pelos aparatos legais das políticas públicas. Essa visibilidade exigiu da sociedade não só atributos práticos e estruturais, mas principalmente práticas centradas em aspectos subjetivos e comportamentais como por exemplo: o combate ao preconceito e à discriminação (SOUZA, 2014).

"Os recursos financeiros existentes para a promoção da acessibilidade nos permitem disponibilizar todas as condições materiais, estruturais e tecnológicas necessárias para a perfeita inclusão social das pessoas com deficiência. No entanto, nem todo o recurso financeiro disponível é capaz de mudar os procedimentos preconceituosos, muitos dos quais sedimentados na falta de informação." (SOUZA 2014, p.66)

Ainda, dentre outros aspectos, identificamos a associação de deficiência, doença e incapacidade como sinônimos. Isso prejudica todo o processo de ressignificação sobre essas pessoas. Aqui apropria-se a definição de Mello (2009) sobre deficiência como sendo uma condição na qual a pessoa vivencia situações radicais de perdas ou interrupções de determinadas atividades da vida cotidiana por causa de barreiras físicas, sensoriais, intelectuais e sociais.

O conceito de incapacidade conecta-se com a relação entre a pessoa com deficiência e as barreiras decorrentes do ambiente ao seu redor. Um exemplo claro dessa definição pode ser constatada no documentário, registrado por este memorial, no momento em que Felipe, personagem principal, consegue acompanhar e brincar de corrida com outras crianças, apenas devido à rampa de acesso do local onde se encontravam, minimizando sua "incapacidade" de correr.

Ou seja, o ambiente está totalmente relacionado à inabilidade, ou não, das pessoas. Por isso, argumenta-se para a total eliminação das barreiras físicas existentes e assim proporcionar oportunidades e vivências para as pessoas com deficiência usufruírem de quaisquer aspectos de suas vidas. Dessa maneira, é possível perceber outra perspectiva a respeito da experiência da deficiência, na qual deixa de ser uma “narrativa da tragédia pessoal” [...]” (MARTINS, 2004, p. 02) e revela uma transformação pessoal. Ainda, Mello (2009) reitera que para muitas pessoas com deficiência, nem sempre a presença dela significa sofrimento, perda, ruptura e tragédia.

[...] Não era a primeira vez que eu ouvia falar disso. Trinta anos antes, um amigo meu paraplégico, antigo estivador e de pouca instrução, me dissera: “Por nada no mundo eu perderia a chance de ser um desgraçado de paraplégico”. Na época, pensei que ele estava completamente louco. Levei muitos anos para compreender o que esse homem simples e sábio tinha descoberto em dois anos: que uma deficiência pode ser um aspecto especial da própria pessoa que oferece novas oportunidades para experiência, crescimento, maturação e auto-realização. Eu havia sido totalmente treinado, pelo processo de reabilitação, na idéia de que minha deficiência era o inimigo a ser derrotado, controlado, minimizado, compensado e, sim, negado. Não era nunca, nunca certo gostar de ser o que eu era (entre outras coisas): deficiente. (VASH, 1988, p.13)

Observamos, no decorrer do documentário, que as narrativas manifestadas pelos pais de Felipe, de alguma maneira, correspondem com o discurso sobre transformação, maturidade e crescimento pessoal no momento em que percebem a "normalidade" do próprio filho. Essa percepção, acaba influenciando diretamente no modo de educá-lo e instruí-lo, permitindo que ele experimente atividades que, pela norma social, são ditas impossíveis para uma pessoa com deficiência, como por exemplo a capoeira. Assim, a todo instante busca-se exteriorizar o Felipe como uma criança que gosta de ser quem é ("Eu sou feliz do jeito que eu sou") e que "se diverte com a vida."

6. O DOCUMENTÁRIO

É de extrema importância dominar e compreender o produto audiovisual no qual desenvolve-se este trabalho, tendo em vista seu papel de transformação social quando retratada uma realidade específica.

Bill Nichols (2005), em seu livro *Introdução ao Documentário*, questiona o que é um documentário a partir de indagações que abrangem o conceito, a ética, os tipos, a estética e os significados. Segundo o autor, todo filme é documentário, podendo ser tanto o de satisfação de desejos, quanto o de representação social. O primeiro é definido como sendo os filmes de ficção nos quais conhecemos hoje, "expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser." (2005, p.26), enquanto o segundo, os de não-ficção, representam a realidade que já conhecemos e vivenciamos, ou seja, "expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser." (2005, p.26) e ainda representa "novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos." (2005, p.27).

Apesar de parecer simples, a definição de documentário, não é uma designação fácil e completa porque, de acordo com o próprio Nichols, depende sempre de relações e comparações, como no caso dos filmes de ficção e não-ficção, demonstrado acima. Ainda, ao contrário do imaginário comum, declara que o documentário "não é uma reprodução da realidade, mas sim uma representação do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares." (NICHOLS 2005, p.47). Essa declaração do autor, relaciona-se com "Lipe: vida em movimento" no momento em que abrange minha inquietação pessoal sobre a representação social do que é ser uma pessoa com deficiência. Busco ressignificar, a partir de outro ponto de vista, o que, familiarmente, se pensa sobre deficiência como sendo uma incapacidade ou uma limitação de alguém que é, antes de tudo, uma pessoa.

"Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das idéias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção, do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução." (NICHOLS, 2005, p.47)

Além disso, o autor acrescenta a importância do discurso a partir das perspectivas evidenciadas no mundo histórico e destaca a questão da voz. Sob uma ótica diferente, os documentários representam o mundo histórico ao delinear "o registro fotográfico de algum aspecto do mundo." (NICHOLS, 2005,

p.73). Essa representação transforma a voz do documentário em um meio de debate e contestação social. A característica de não reproduzir a realidade, concede ao documentário uma voz única capaz de possibilitar uma "visão singular do mundo."(NICHOLS, 2005, p.73). Assim, é por meio da voz da linguagem documental que a singularidade do olhar é externalizada:

"A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva " (NICHOLS, 2005, p.73)

Essa voz, segundo Nichols (2005), não é exclusiva da oralidade verbal das vozes que ele caracteriza como sendo de “deuses” invisíveis e “autoridades” visíveis que retratam o ponto de vista do documentarista, nem pelos personagens sociais que refletem suas próprias visões, e que falam no filme. A voz do documentário manifesta-se por meio de todas as ferramentas disponibilizadas para o criador, no qual incluem todas as etapas da produção de um filme: a concepção da fotografia, desde a milimetragem das lentes e enquadramento até a movimentação de câmera, captação de imagem, som e voice-over, decupagem do material captado, montagem, escolha da trilha, edição e finalização. A partir disso, a linguagem documental acaba tornando os discursos transmitidos implícitos e às vezes explícitos, como por exemplo no caso do voice-over ou voz falada que estabelece diretamente a ótica do documentarista ou personagem social acerca de determinada questão:

"Elas são palavras que representam o ponto de vista do filme diretamente e às quais nos referimos, caracteristicamente, como comentário com “voz de Deus” ou “voz da autoridade”. O comentário é uma voz que se dirige a nós diretamente; ele expõe seu ponto de vista de maneira explícita....: “Veja isto desta forma.” A voz pode ser estimulante ou tranquilizadora, mas seu tom transmite um ponto de vista pronto; com o qual se espera que concordemos." (NICHOLS, 2005, p.78)

Assim como Nichols (2005), Fernão Pessoa Ramos (2008) buscou definir o que é documentário a partir da diferenciação com ficção. Afirma que ambos procuram premissas sobre o mundo, porém, contrariamente à ficção, o documentário faz proposições sobre o mundo histórico. Ou seja, enquanto a ficção reproduz fatos que ocorrem exclusivamente no cenário da imaginação, o

documentário apresenta suas narrativas a partir de fatos históricos específicos de um tempo.

A partir dessa comparação, Ramos (2008) admite que essas duas definições podem se confundir e completa que “ao estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção do autor de fazer um documentário.” (RAMOS, 2008, p.25). Dessa maneira, a diferença entre ficção e documentário está condicionada a intenção do autor. Na ficção, a intenção é apenas a de entreter o espectador, enquanto no documentário é fazer asserções sobre o mundo, ou seja, se posicionar diante de alguma questão e não apenas entreter quem assiste. Ademais, Ramos (2008) reitera que as características formais próprias do documentário são determinantes na sua diferenciação com o cinema ficcional:

"Em sua forma de estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente." (RAMOS, 2008, p.25)

Todas essas singularidades descritas pelo autor estão precisamente evidentes em "Lipe: vida em movimento", começando pela minha intenção de ressignificar o que é uma pessoa com deficiência, apresentando novas perspectivas sobre suas capacidades e potencialidades na "normalidade" do cotidiano. A constante presença dos voiceovers (técnica na qual as vozes dos atores são reproduzidas simultaneamente à faixa de áudio da cena propriamente dita) extraídos dos depoimentos dos pais de Felipe conduzem toda a narrativa fílmica, apresentando ao espectador quem é o filho e como as descobertas transformam o olhar sobre a deficiência física. As imagens de arquivo mostram-se fundamentais para a história, uma vez que dá vida à memória e a convida a "articular e a reconfigurar a noção de presente." (DIDI-HUBERMAN, 2004). A captação, guiada pelo roteiro aberto, feita em sua maior parte com câmera na

mão, sugere um registro de forma intimista, subjetiva e observadora extraindo a naturalidade do dia a dia e das vivências ali experimentadas.

7. METODOLOGIA

7.1 Pré-produção

Ao longo da minha graduação, percebi a real magnitude e responsabilidade da comunicação, especificamente quanto à construção do imaginário social perante às minorias. Essas minorias são alvo de preconceito, pois vivem uma situação de desvantagem social por parte de um grupo majoritário.

Esse contexto, aliado ao fato de ser irmã do Felipe, uma criança que faz parte desse grupo minoritário, me fez questionar como eu poderia contribuir, a partir dos conhecimentos que adquiri, na entrega de maior visibilidade a essas pessoas, de forma a criar oportunidades de acesso a todas experiências disponíveis.

O despertar aconteceu em 2017, na metade do meu curso de Comunicação Organizacional, mais especificamente na matéria de Planejamento e Gestão em Organizações Públicas, Privadas e do Terceiro Setor, no qual estudamos sobre o impacto da comunicação pública na vida dos cidadãos. A partir disso, foi proposto aos alunos desenvolver ideias de alto impacto social relacionadas a comunicação pública, e assim apresentar para os demais alunos da Universidade de Brasília (Unb). A proposta de apresentação foi inspirada no formato do *TED Talk*, uma conferência, sem fins lucrativos, realizada mundialmente destinada a propagação de ideias que merecem ser disseminadas. A partir disso, com muitas pesquisas e estudos, ainda instigados pelo fato de eu ser irmã de uma criança com deficiência física, descobri a necessidade de falar sobre as pessoas com deficiência. Dessa forma, desenvolvi e apresentei o projeto: Comunicação Pública como ferramenta na visibilidade das pessoas com deficiência. Esse trabalho foi construído a partir da definição

de Pierre Zémor sobre a comunicação pública, no qual afirma que é função dela contribuir para assegurar a relação social, ou seja, garantir o sentimento de pertencer ao coletivo, de tomada de consciência do cidadão enquanto ator. Assim, percebendo o dever da comunicação pública diante das pessoas com deficiência, sua representatividade e visibilidade, decidi aprofundar as pesquisas sobre o tema que hoje é descrito neste memorial.

Junto a isso, ainda no mesmo ano em que me deparei com o tema do trabalho final, também descobri minha vocação e paixão pelo universo audiovisual, principalmente em razão do seu potencial de transformar a vida das pessoas. Assim, procurei formas de me capacitar na área de produção de vídeos e descobri a carreira que queria seguir. Após um ano intenso de cursos, matérias, aulas, pesquisas, práticas e workshops desenvolvi habilidades que me permitiram produzir vídeos, desde a pré-produção até a finalização, de forma independente, reconhecendo que não é preciso grandes equipes para fazer um filme acontecer.

Logo no início do ano de 2018, já estava decidida de que produziria, de forma totalmente independente, um documentário sobre o cotidiano do Felipe e assim unir a vontade de pesquisar sobre as pessoas com deficiência e o interesse pelo audiovisual. Começou, então, todo o processo de pré-produção do filme documentário. O primeiro passo foi apresentar a ideia para minha família, meu pai Gustavo e minha madrasta Michelline. Pedi autorização e perguntei a respeito da viabilidade de produção. Como esperado, o projeto foi super bem aceito e juntos definimos as questões essenciais para o desenvolvimento do filme. Ainda, o convite para participar do filme foi, igualmente, bem recebido pelo próprio Felipe, o qual demonstrou interesse e entusiasmo para ser filmado durante seu dia a dia. Portanto, listamos todas as atividades e ocasiões que poderiam possibilitar conteúdo para as filmagens e, dessa maneira, programar a agenda de produção.

Paralelamente, assisti a todo conteúdo relacionado a documentário com o objetivo de entender como estruturá-lo, desde sua narrativa, andamento, fotografia e montagem. Num primeiro momento, procurei referências que se enquadrassem na temática proposta. Porém, deparei-me com a falta de conteúdo a respeito do tema, o que não deixou de agregar valor para concepção final de "Lipe: vida em movimento". Documentários como "Da invisibilidade à

cidadania: os caminhos da pessoa com deficiência" (2015) e "História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil" (2010) foram determinantes para minha compreensão sobre a representatividade das pessoas com deficiência diante da linguagem audiovisual.

Entretanto, por mais que esses documentários tenham contribuído para o meu quadro de referências, não absorvi, de acordo com minhas expectativas, as questões técnicas, tais como: fotografia e montagem. Nesses filmes que assisti, não identifiquei a abordagem documental e fílmica que gostaria de imprimir ao meu documentário, por terem uma estética mais informativa. Nesse momento, priorizei buscar outros filmes documentais que envolvessem minhas intenções técnicas como produtora de vídeo independente, mesmo que alguns desses filmes tivessem temáticas diferentes das quais eu estava inserida. Vale ressaltar que, trabalhei de forma que o documentário não fosse uma produção caseira e amadora, pelo fato de ter sido feito por uma equipe reduzida e independente. Fui ao encontro de uma qualidade fílmica encontrada em documentários atuais, ou seja, com qualidade de imagem de alta definição, capaz de formar um verdadeiro filme. Dentre outras produções documentais, destaco duas de maior influência sobre o documentário deste memorial. O primeiro, não muito distante da minha área de pesquisa, é o curta-documentário "Finn", uma criança diagnosticada com uma doença rara degenerativa, que a afeta tanto cognitivamente quanto fisicamente. A narrativa é conduzida pelos próprios pais de Finn, que por meio do *voiceover* revelam todo processo de descoberta do diagnóstico do filho, externalizando suas vivências e perspectivas. Ainda, toda direção do filme é feita pelo próprio pai do Finn, no qual se aproxima bastante com meu papel em relação a "Lipe: vida em movimento" no qual, ao mesmo tempo em que produzo o filme, externalizando da mesma forma, as vivências de seus pais e as minhas com meu irmão. Outro ponto relevante para a escolha da técnica do documentário, envolve a forma como "Finn" construiu as técnicas de fotografia, som, montagem e finalização. Dessa forma, a ênfase se dá na qualidade da estética, que possibilita prender a atenção do espectador para todos os aspectos da rotina de uma pessoa com deficiência.

O segundo, já se distancia completamente da temática aqui proposta e envolve o documentário "*(people) of water*", que registra o encontro entre um atleta de *rafting* e uma comunidade praticante de canoa havaiana, situada no

Havaí. O encontro desses dois universos resulta numa história marcada pela cultura e tradição de um povo que tem a canoagem, não como um esporte, mas como uma forma expressar a vida. Apesar de não ter relação com meu projeto, consegui extrair desse documentário conteúdo técnico de roteiro, fotografia, linearidade, andamento, montagem e *sound design* para colocar em pauta na minha futura pós-produção. Essas percepções foram fundamentais para construir uma base sólida e forte de referências, que me orientariam durante todo o processo de produção e pós-produção do documentário.



Figura 1: Quadro de referência para a fotografia do documentário.

Assim, com o incentivo da minha família, com a criação de um calendário de captação estruturada e uma base sólida de referências, organizei a próxima etapa da produção. Nesse momento, estava convicta de que o documentário seria totalmente produzido por mim, o que me tornaria totalmente responsável por todos os processos envolvidos na produção. Foi uma escolha consciente diretamente relacionada a minha busca pessoal para possibilitar a devida representatividade ao meu irmão Felipe. Além disso, por entender o impacto que a linguagem audiovisual tem na reflexão sobre determinados temas.

Desde sua concepção, o documentário retrata o cotidiano e a história de vida do Felipe. Optei por estabelecer um roteiro aberto e flexível guiado pela grade de suas atividades diárias, que permitisse captar seu cotidiano. Por meio dessa estratégia, os acontecimentos diários teriam liberdade para refletir exatamente a história do Felipe, sem interferências e com distanciamento da

documentarista. Simultaneamente, para completar a narrativa, incluí ao roteiro perguntas específicas sobre a vida do Lipe a serem respondidas pelos seus pais, no formato de entrevista. A ideia foi transformar o áudio gravado das respostas em *voiceover* de forma que a história fosse contada tanto pelos próprios pais quanto pelo Felipe.

Devido à estrutura de roteiro escolhida, utilizei equipamentos que me permitissem maior liberdade e autonomia na gravação, além de conseguirem entregar uma imagem em ultra definição (4k). Por estar inserida no mercado audiovisual, tinha acesso aos itens necessários para iniciar a captação. Dessa forma, separei uma câmera Sony A6500 capaz de gravar em 4k, uma lente Sigma 16mm 1.4, uma Sony 50mm 1.8 e uma Sony 18-105mm f/4, um estabilizador de câmera Zhiyun Crane Plus, um microfone direcional Rode Videomic Go, uma lapela Boya, um gravador de áudio Zoom H1n e um tripé. Meu objetivo foi utilizar pelo menos duas lentes, em cada cena, com a finalidade de obter planos e enquadramentos diferentes. Ainda, pelo fato de o Felipe sempre estar em movimento com a cadeira de rodas, em alguns momentos, o uso do estabilizador de câmera foi imprescindível. Por outro lado, como dito anteriormente, a escolha da câmera na mão em determinadas situações, também enriqueceu a estética fílmica, já que sua essência é marcada pelo espontaneidade do cotidiano. Isso refletiu sobremaneira na escolha do *Rode Videomic* como equipamento de áudio, que devido a sua versatilidade e tamanho possibilita acoplá-lo diretamente na câmera, ou seja, ideal para a produção do dia a dia. A lapela Boya e o gravador Zoom H1n destinou-se ainda às entrevistas com os pais do Lipe: Michelline e Gustavo.

7.2 Produção

A etapa da produção foi, sem dúvidas, a mais marcante de todas, durante o processo de realização do documentário. Não só pela satisfação de estar colocando em prática todo o planejamento e preparo técnico que absorvi durante

meu primeiro ano, como filmmaker profissional, mas principalmente pelo fato de estar ainda mais próxima do Felipe e ter a convicção de que ele mudaria a perspectiva de quem assistisse o documentário.

As gravações começaram em janeiro deste ano, em uma viagem de férias em família e, de forma interpolada, durou até outubro na gincana do colégio em que o Felipe estuda. Ainda no primeiro semestre, dediquei-me apenas em sentir como é acompanhar o Lipe em seu dia a dia e como seria sua atitude diante da câmera. Assim, captei desde um domingo de almoço em família até as suas aulas no Centro de Treinamento de Educação Física Especial (CETEFE). Essas aulas são voltadas especificamente para a iniciação esportiva de atletas com deficiência. Lá, os alunos praticam, sempre acompanhados por educadores físicos especializados, todos os tipos de esporte adaptado, como por exemplo o basquete e o *badminton*. Nesse dia, como toda produção de documentário, aconteceu o primeiro imprevisto de gravação. Para gravar qualquer cena no ginásio era preciso uma autorização de filmagem por escrito por parte do coordenador do CETEFE, mesmo eu sendo irmã do Felipe. No mesmo dia, tentei contatá-lo, mas só estava disponível por e-mail. Como eu ainda estava na etapa de testes, foi muito tranquilo esperar outro dia para conseguir a autorização. Aproveitando essa situação, adiantei as autorizações de filmagem que poderia precisar dali em diante. Entrei em contato com todas as locações previstas obtendo as autorizações para qualquer dia de gravação.

Finalizada a etapa de testes, todo material captado já estava decupado, apto para ser utilizado no documentário. Mérito, principalmente, do Felipe, que, para minha surpresa, agiu naturalmente, como se a câmera não estivesse ali. Ainda sobre a decupagem, decidi adiantar esse processo ao mesmo tempo da produção, ficando decidido que sempre após o término da gravação do dia, eu organizaria e decuparia todo o material dentro do próprio programa de edição.

Como esperado, os meses mais intensos de gravação e produção foram o de agosto e setembro. Agosto, começou com uma das gravações que eu mais esperava: a aula de Musical, pois era o primeiro dia de aula do Felipe e ele era o único menino e cadeirante da turma. Ali, são trabalhadas todas as habilidades que requerem o musical: canto, teatro e dança. Foram 3 horas de captação, acompanhando as professoras e as crianças. Apesar da falta de acessibilidade da escola, em nenhum momento o Felipe ficou de fora das atividades e tarefas

propostas. Nesse dia, utilizei a câmera na mão junto com a lente *18-105mm f/4*, que me permitiu ficar em uma distância suficiente para não invadir o espaço da aula e ainda transitar pela sala, acompanhando os movimentos do Lipe. Por outro lado, a lente *18-105mm*, quando utilizada em sua máxima milimetragem, dificulta a captação de uma imagem 100% estabilizada, sendo necessário muita técnica e atenção para não deixar o tremor natural da mão prejudicar a imagem. Outra dificuldade em relação àquela lente, ainda somada às más condições da iluminação do ambiente, foi a de sua *abertura mínima* ser apenas *f/4*, levando-me a aumentar significativamente o *ISO* para gravar alguns momentos.

Por fim, mesmo com todas as dificuldades, procurei me preocupar com a história que naquele momento acontecia. Toda essa circunstância serviu de aprendizado no sentido de ponderar entre a qualidade técnica da imagem e o conteúdo captado. Importava, antes de tudo, a história a ser contada.

Na semana seguinte, acompanhei o Felipe ao Estádio Mané Garrincha para assistirmos ao jogo do Flamengo, seu time preferido. Utilizei novamente a câmera na mão, sem qualquer equipamento de estabilização, a lente Sigma 16mm 1.4 e a lente Sony 50mm 1.8, com o microfone direcional *Rode Videomic*. Ao entrar e passar pela catraca principal, iniciei as gravações. Filmei praticamente o tempo todo, porque o objetivo era captar algum comentário ou diálogo espontâneo do Felipe. Essa escolha foi proposital na medida em que o Lipe sempre comenta e interage a todo momento, de forma descontraída e divertida, sobre os lances que acontecem durante a partida.

O mês de setembro foi destinado às gravações do CETEFE, do batizado de capoeira, da rotina da casa, dos momentos de lazer com a família e também as entrevistas com seus pais.

No CETEFE, foram 5 dias de produção nos quais foram trabalhadas modalidades como: basquete e *badminton*. Usei duas lentes, a Sigma 16mm 1.4 para planos abertos e a Sony 85mm 1.8 para detalhes, juntamente com o estabilizador de câmera *Zhiyun Crane Plus*. Dessa vez, foi de extrema importância a captação de uma imagem 100% estabilizada, por se tratar de atividades esportivas com muita movimentação e agilidade.

O batizado de capoeira durou cerca de 1 hora e a filmagem foi dificultada pelo pouco espaço disponível para movimentação. Escolhi a compacta lente Sony 50mm 1.8, em razão da possibilidade de captar excelente imagem,

estando distante o suficiente para não invadir a roda de capoeira. Ao jogar capoeira sem a cadeira de rodas, percebi a necessidade de deitar no chão para me igualar à altura do Lipe, e, assim, captar seus movimentos.

As gravações de rotina da casa e dos momentos de lazer com a família foram muito tranquilas, por eu já fazer parte daquele ambiente. As cenas mais íntimas, como por exemplo, a do banho e as trocas de roupa, eram primordiais para construir a narrativa do documentário. Perguntei ao Lipe se ele se incomodava com a presença da câmera em todos esses momentos e ele, mais uma vez, se mostrou tranquilo e compreensivo quanto às gravações. Dessa forma, separei a lente Sony 85mm 1.8, a Sigma 16mm 1.4 e o *Rode Videomic* para as cenas internas e externas da casa, o que me permitiu obter tanto planos detalhes do Lipe, quanto abertos da família.

Vale destacar que a captação do passeio de bicicleta só foi possível com a ajuda de outra pessoa para dirigir o carro, enquanto eu gravava do banco de trás o passeio pelas ruas do bairro onde o Lipe mora. O diálogo captado durante o pré-passeio foi, sem dúvidas, o mais importante para a construção de um conflito na narrativa de "Lipe: vida em movimento", no momento em que ele afirma não conseguir andar de bicicleta. Isso mostra que há momentos de tristeza e de dificuldade. Por fim, foram momentos preciosos e intimistas do convívio em família, que trouxeram verdade e espontaneidade para o documentário.

Finalizada as gravações de setembro, recolhi todo o material de arquivo pessoal e iniciei as entrevistas com seus pais. Entrevistei-os separadamente utilizando as mesmas perguntas, com a finalidade de obter a perspectiva e sentimento de cada um. Dessa forma, foi possível extrair a essência sob o prisma de cada para o que estava buscando: a ressignificação do que é ser uma pessoa com deficiência. Foram revelados sentimentos de descoberta, desafios, desconstruções, alegrias, surpresas, enfim, todo o processo de aprendizado de seus pais.

7.3 Pós-produção

A pós-produção de "Lipe: vida em movimento" foi a etapa mais demorada e difícil de todo o processo de elaboração do documentário. Na produção, por

mais que eu tenha adiantado toda a decupagem das imagens captadas, foi necessário perpassar por elas novamente, agora com o olhar de construir uma linearidade para a edição. Faltava ainda a decupagem dos depoimentos de seus pais, elementos cruciais para constituir a narrativa e assim dar início a montagem. Foram 12 horas consecutivas, lapidando o conteúdo das entrevistas, tendo cada uma 1 hora de duração. Ao final da decupagem restaram 35 minutos de áudio com material suficiente para montar o documentário.

Porém, como o documentário não poderia passar de 20 minutos, ainda foi necessário uma nova reciclagem para decidir quais partes iriam compor o filme. Para organizar melhor e de forma mais rápida todo conteúdo disponível dos depoimentos, dividi os 35 minutos nas seguintes partes:

- quem é o Felipe;
- a descoberta;
- a infância e escola;
- a cadeira de rodas;
- o futuro.

Essa segmentação possibilitou de forma mais rápida e eficiente a escolha definitiva do conteúdo para o documentário. Por fim, decupando alguns blocos, concluí que não era necessário manter o da infância e escola, e alguns trechos do futuro para chegar a 15 minutos corridos de áudio. Ainda que não tenha sobrado margem de respiro entre um áudio e outro, os outros blocos permaneceram por serem imprescindíveis para história.

Na sequência, iniciei a edição no programa *Final Cut*, tendo como base os *voiceovers* já definidos. Comecei a narrativa com as imagens de arquivo pessoal do Lipe quando bebê, seguida do *traveling* do quarto dele. Essa técnica permite contextualizar a temática do documentário, ou seja, trata-se da história de uma criança. Em seguida, surgem os depoimentos do primeiro bloco, quem é o Felipe, juntamente com as imagens de sua rotina. Iniciei com os *voiceovers* que apresentam o Felipe, suas características, modo de se relacionar com os outros e com o mundo, sem mostrar a cadeira de rodas, dando ênfase no fato de que ele é uma criança como qualquer outra. Dessa forma, cria-se uma expectativa em quem assiste sobre o que estaria por vir ao longo do documentário.

Para introduzir o próximo bloco, a descoberta, inseri a cena em que surge um conflito vivenciado pelo Felipe ao afirmar que não consegue andar de bicicleta. Ao mesmo tempo, o *voiceover* da mãe, Michelline, revela que a vida nem sempre foi fácil e que o Felipe já questionou o porquê de Deus não poder curá-lo. Dessa forma, entra em cena toda história do diagnóstico do Lipe, sua trajetória até a cadeira de rodas, sua autonomia, suas conquistas e sua forma de viver. Isso permitiu fluidez na edição por meio dos blocos de voiceovers, alternados ora pela perspectiva da mãe e ora pela do pai.

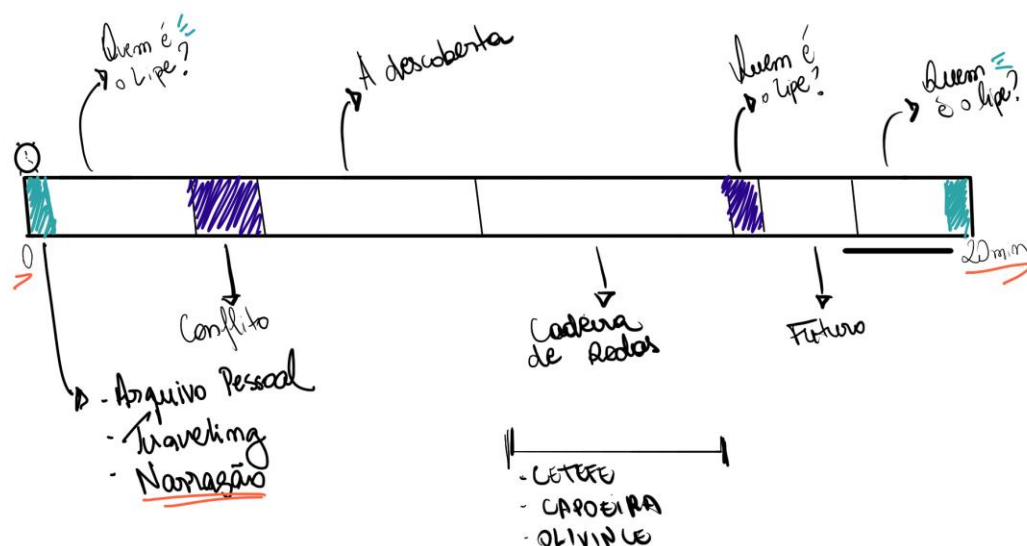


Figura 2: Esboço linha do tempo da montagem.

Finalizada a montagem das imagens com os voiceovers, empenhei-me na escolha das trilhas sonoras capazes de trazer mais vida e sentimento para o documentário. A partir das minhas referências e considerando que os depoimentos é que deveriam envolver o espectador, selecionei texturas e atmosferas, ao invés de músicas propriamente ditas.

De forma espaçada, cinco texturas foram sincronizadas aos sons das atmosferas e ambientes. Em outros momentos, a ênfase se deu apenas nos

depoimentos, sob o próprio áudio nativo das cenas, sem adição daqueles elementos sonoros. A atenção de quem assiste precisa estar totalmente focada nas cenas e no conteúdo falado. Ao final, o fechamento ocorre em clima de tranquilidade e plenitude, com instrumentos de corda e trilha instrumental.

A mixagem de som e o tratamento dos voiceovers foi um desafio, em virtude da falta de monitor de áudio de referência de qualidade, tornando complicada a equalização de todos os elementos sonoros. Após 5 dias dedicados à montagem, o primeiro corte estava pronto.

Porém, finalizei com o total de 25 minutos e não 20 como havia planejado. Esse fato se deu pelo meu envolvimento na produção do documentário e por fazer parte da família. O apego ao personagem dificultou essa decisão final sobre os cinco minutos que ficariam de fora. Nesse momento, aprendi a me distanciar da figura de irmã e focar no papel de documentarista para finalizar a minutagem.

Depoimentos repetitivos e conteúdo desnecessário que não faziam parte da proposta foram excluídos. Assim, finalizei o segundo corte com 20 minutos e 20 segundos destinados, especificamente, aos créditos.

Embora tenha aprendido a me distanciar, ao longo do processo de edição, percebi que algo ainda faltava: a minha presença e voz eram essenciais para mostrar minha perspectiva sobre o Felipe. Então fiz uma narração introdutória, na qual, de forma explícita, expus meu sentimento em relação ao Lipe, sem, contudo, revelar ou repetir qualquer informação dos *voiceovers*.

Enfim, com toda a montagem pronta, iniciei a correção de cor, colorização, inserções de título e também a adição de legenda.

No tratamento da correção de cor, praticamente não encontrei dificuldade, pois desde a etapa de produção configurei os fatores que influenciam a cor de determinada imagem, como por exemplo o balanço de branco. Então, ajustei a exposição e a curva de tons adicionando contraste. Além disso, minha câmera estava configurada para um perfil de cor "*lavada*", o que possibilitou manipulações na pós-produção. Para dar suavidade e naturalidade ao filme, trabalhei nas cores quentes, favorecendo os tons de pele.

Em relação às inserções de texto, a fonte fina em itálico imprimiu as sensações de simplicidade e movimento. Nesse contexto, adicionei legenda ao longo de todo o documentário, não só para melhor compreensão dos

depoimentos e falas do Lipe, mas principalmente como uma forma de promover acessibilidade e inclusão de todos os públicos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de "Lipe: vida em movimento" é uma realização pessoal motivada pelo objetivo maior da busca pela representatividade e verdade sobre o que é ser uma pessoa com deficiência. Vítimas de uma sociedade em que as abandonou, excluiu, silenciou, discriminou, desrespeitou e rejeitou formam uma das minorias mais invisibilizadas ao longo da construção do imaginário social por parte dos meios de comunicação.

O documentário atenta a importância da conscientização acerca da diferença entre deficiência e incapacidade, capacidade e superação, inspiração e respeito, integração e inclusão. Ainda, deixa claro que as potencialidades das pessoas com deficiência estão diretamente relacionadas a não existência das barreiras físicas e sociais de determinado lugar ou contexto. Dessa forma, proporciona-se oportunidades e vivências para que essas pessoas usufruam de quaisquer aspectos de suas vidas.

A partir do cotidiano de uma criança com deficiência física, o documentário exposto neste memorial traz um novo panorama e entendimento sobre o que é capacidade e potencialidade. Foca o olhar do espectador para a normalidade da vida de alguém que como qualquer outra possui sonhos, gostos, alegrias, expectativas, sentimentos e frustrações. Da mesma forma, não silencia a deficiência física revelando que a cadeira de rodas não é sinônimo de cartão de visita, mas sim de autonomia e liberdade.

Este memorial apresentou todo o processo criativo de pré-produção, produção e pós-produção do documentário "Lipe: vida em movimento" que tem como propósito difundir novos olhares e novas perspectivas sobre as pessoas com deficiência. Enxergo com clareza que uma equipe reduzida é capaz de produzir grande projetos, basta um propósito. Finalizo com a convicção de que a linguagem audiovisual produz sentidos capazes de transformar realidades e ressignificar conceitos. Que esse documentário possa alcançar muitos outros e

outras, que assim como o Felipe sonham por um mundo comprometido com a inclusão.

9. REFERÊNCIAS

DICHER, Marilu; TREVISAM, Elisaide. **A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b>. Acesso em: 13 Nov 2019

DIDI-HUBERMAN, George. **Cuando las imágenes toman posición**. Madrid: A. Machado, 2008.

FIGUEIREDO, Tatiana. **Paraolimpíadas e Mídia: A Cobertura Deficiente**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX congresso brasileiro da comunicação. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0671-1.pdf>. Acesso em: 13 Nov 2019

FREIRE, Sofia. **Um olhar sobre a inclusão**. Revista da Educação, Vol. XVI, nº 1, 2008. Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 Nov 2019

MANTOAN, Maria Tereza E. **Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual**. Rio de Janeiro, WVA, 1997

MARTINS, B. D. G. S. **Políticas Sociais na Deficiência: a manutenção da exclusão**. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Anais... Coimbra, 2004.

MELLO, Anahi. **Por uma abordagem antropológica da deficiência: pessoa, corpo e subjetividade**. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/126443>. Acesso em: 13 Nov 2019

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**, 5a edição, Campinas, SP: Papyrus, 2010

RAMOS, **Fernão Pessoa**. **Mas afinal... O que é mesmo o documentário?**, Senac, São paulo, 2008.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Inclusão: Construindo Uma Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE

DEFICIÊNCIA - CORDE. **A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**, 2008. Disponível em: <https://www.oab.org.br/arquivos/a-convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia-comentada-812070948.pdf> Acesso em: 13 Nov 2019

SILVA, Eliete. **Entre lutas, normas e preconceitos: pessoas com deficiência e os (des)caminhos da inclusão social**. Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16444/1/ElieteAntonia.pdf>. Acesso em: 13 Nov 2019

SILVA, O. M. da. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1987

SOUZA, Dalmir. **Políticas públicas e a visibilidade da pessoa com deficiência: estudo de caso do projeto curupira**. Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4131/2/Tese%20-%20Dalmir%20Pacheco%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 13 Nov 2019

UNESCO. **Pessoas com deficiência no Brasil**, 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/education/inclusive-education/persons-with-disabilities/>. Acesso em: 13 Nov 2019

VASH, C. L. **Enfrentando a Deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação**. São Paulo: Pioneira; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

BAY, Gnarly. **(people) of water**. Estados Unidos, 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/341353580> Acesso em: 13 Nov 2019

CARAVAN, **Project Alive “Finn”**. Estados Unidos, 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/226206321> Acesso em: 13 Nov 2019

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oxscYK9Xr4M> Acesso em: 09 de Nov 2019

SECRETARIA DE ESTADO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA DE SÃO PAULO (SEDPCD- SP), **Da invisibilidade à cidadania: os caminhos da pessoa com deficiência**. TV Cultura. Brasil,

2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ye0MQmZJS_s

Acesso em: 13 Nov 2019

APÊNDICE - Roteiro das perguntas com os pais do Felipe

Gustavo Pereira Angelim, pai

Michelline de Resende Angelim, mãe

1. Quem é o Felipe ?
2. Como é conviver com o Felipe ?
3. O que mudou na sua vida depois do nascimento do Felipe ?
4. Como foi a descoberta de que o Felipe teria algum tipo de deficiência?
5. E qual sentimento?
6. Após o diagnóstico, qual foi a maior dificuldade ?
7. Quais aprendizados o Felipe proporcionou ?
8. Em quais sentidos o Felipe te surpreende ?
9. Como você enxerga o Felipe do futuro ?

Link do produto audiovisual:

<https://youtu.be/B-xRz4fwBCA>